

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS E INCLUSÃO DE ESCOLARES COM DOENÇA FALCIFORMES: Os fios de uma mesma trama

Tancí de Jesus Santos¹
Vitória Katrin Padilha da Silva²
Daniela Santana Reis³

RESUMO

O presente trabalho aborda práticas inovadoras para inclusão de estudantes com Doenças Falciformes na rede regular de ensino. O estudo é de abordagem qualitativa e se configura como descritiva, valendo-se de técnicas bibliográficas e documentais fazendo relação entre os estudos de Reis (2017) e Penido et al (2016). Listou-se as práticas inovadoras, levantou-se os principais desafios dos estudantes em questão, para então realizar correspondência entre essas duas variáveis. Foi possível concluir que práticas como ensino híbrido, currículo personalizado e fóruns de discussão podem amenizar a problemática das faltas dos alunos na escola e processos de ausência com relação a doença.

Palavras-chave: Práticas inovadoras, Doença Falciforme, Inclusão.

FIOS INICIAIS DE DISCUSSÃO

Esta seção introdutória sintetiza e explícita a justificativa, objetivos, metodologia e resultados alcançados. Assim pode guiar o leitor, situando-o sobre o que irá encontrar nesse trabalho.

Serão tratadas proposições de práticas inovadoras para inclusão de estudantes com Doenças Falciformes (DF) na escola regular a partir de dados, relatos e conclusões dos estudos de Reis (2017) e Penido et al (2016), entre outras obras.

A pesquisa teve início a partir da inquietação sobre a falta de inclusão e outras dificuldades encontradas em determinados casos, como por exemplo os estudantes portadores de DF que por vezes se veem limitados a frequentar a escola devido às suas recorrentes crises e internações e também a curiosidade por entender o que são práticas inovadoras.

Apesar de falar-se muito em inclusão, ainda parece algo distante e quase que utópico da realidade de algumas salas de aula (ainda que se tenha tido relativo avanço). Por outro lado, uma tendência na educação atual, tema de interesse recorrente nas pesquisas da área nos últimos anos, estão as práticas inovadoras.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Faculdade Adventista da Bahia- FADBA, santostanci@gmail.com;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Faculdade Adventista da Bahia- FADBA, padilhadasilvavitoriakatrin@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora, Educação e Contemporaneidade- UnEB, prof.danielareis@gmail.com

Tendo em vista esses dois paralelos (necessidade de inclusão e práticas pedagógicas) surge a questão: em que medida as práticas inovadoras podem contribuir para inclusão de estudantes com doenças falciformes na escola regular?

Para responder esse questionamento, objetiva-se, primeiramente, descrever práticas que se configuram dentro de um currículo inovador, em seguida levantar os desafios encontrados pelos estudantes com DF, para então identificar dentre estas práticas quais se manifestam como alternativas de inclusão dos alunos em destaque.

Para isto utiliza-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa e técnicas bibliográfica e documental.

Durante os estudos identificou-se que as queixas recorrentes nas falas destes alunos estão geralmente relacionadas as faltas e perdas de conteúdo, provas e outros trabalhos devido às crises e internações, sim como ausência acerca da doença entre os membros do corpo escolar.

Dentre as muitas práticas inovadoras pesquisadas e listadas aqui, as que se mostram mais relevantes para inclusão dos estudantes com DF, citados até mesmo nas falas dos entrevistados, destaca-se o ensino híbrido, grupos de estudo com tutor, o ensino personalizado, os ciclos de formação, avaliação formativa, metodologias ativas como debates, sala de aula invertida, entre outros.

TRAMA METODOLÓGICA: PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Está seção encarrega-se de descrever as escolhas metodológicas feitas para a execução deste trabalho e alcance dos objetivos. Apresenta, explica e justifica a abordagem, tipo de pesquisa, instrumentos e técnicas utilizadas.

Valeu-se da abordagem qualitativa, visto que “permite a acuidade visual à percepção e a análise do fenômeno discutido” (REIS, 2017, p.36). Preza pela análise do todo, demora-se na descrição, foca no percurso mais que nos resultados, é cheia de investigações e significados. Teixeira (2013) aconselha usar essa abordagem quando se quer saber qual a percepção, qual o significado, qual o processo, quais os saberes e/ou quais as práticas. Neste caso pretende-se saber quais as práticas inovadoras que podem contribuir para a inclusão de estudantes com DF.

Sobre o tipo de pesquisa, classifica-se como uma pesquisa descritiva pois descreve e explica características de determinada população ou fenômeno. De acordo com Gil (2007, p.44) “São pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre

variáveis,” nesta situação, praticas inovadoras e estudantes com DF, ele continua dizendo que os pesquisadores que adotam esse tipo de pesquisa estão geralmente preocupados com a atuação prática.

Já que o estudo se baseia em um “material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2007, p.65) configura-se como uma técnica bibliográfica. Por vezes também se enquadra como técnica documental tendo em vista que essa técnica “vale-se de um material que não receberam ainda um tratamento analítico” (GIL, 2007, p.66). Aqui, usou-se formulários e entrevistas, que inclusive foram produzidas para a formulação da tese já mencionada, e dispositivos legais.

Após leituras, releituras, fichamentos e análises atentas ao material bibliográfico/documental disponível, foi então escrito este referencial teórico e sintetizadas as conclusões aqui apresentadas.

TECITURA TEÓRICA

Esta seção trata do desenvolvimento da pesquisa, as categorias teóricas que correspondem aos objetivos propostos. Para tanto, será dividida em duas subseções: Práticas inovadoras, em que se pretende fazer um levantamento de quais são as práticas inovadoras mais recorrentes e no que isso implica; Estudantes com DF, apresentando os desafios encontrados por estudantes com essa patologia. A partir disto, pode-se finalmente (na próxima seção) fazer a ligação entre esses dois pontos identificando quais dessas práticas atendem as necessidades de inclusão desses alunos.

PRÁTICAS INOVADORAS

Inovação é diferente de novidade, a educação pode estar cheias de novidades, mas ainda assim não ter inovação. Se ela existe realmente, então há avanços e superações de desafios. Penido et al (2016) identifica as desigualdades socioeconômicas, a degradação ambiental e os limites à democracia impostos pela concentração do poder econômico como sendo os reverses deste século.

Diante das problemáticas apontadas, exige-se uma outra educação, pois as escolas que se tinha até então são insuficientes. Como diz Penido et al (2016, p.24), elas “[...] não geram os resultados esperados na aprendizagem nem consegue preparar as novas gerações para enfrentar os desafios da vida contemporânea.” Chegam a ter um efeito nocivo para os estudantes e conseqüentemente para a sociedade.

Tornou-se necessário desenvolver outras competências nos discentes, as competências para o século 21. Mas o que é isso? Quais são essas competências? Como desenvolvê-las? A InnoveEdu⁴ define como “um conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e competências, que preparam os alunos para a vida acadêmica, profissional, pessoal e em comunidade.”

Não existe um consenso de quais sejam essas competências, mas várias interpretações que de alguma forma ultrapassa os mesmos princípios.

Muitos adotam a ideia dos 4Cs (comunicação, colaboração, criatividade e pensamento crítico), já a *Assessment & Teaching of 21 Century Skills (ATC21S)*, projeto liderado pela Universidade Melbourne e outros colaboradores para pesquisas sobre habilidades do século 21, questões metodológicas, questões tecnológicas, salas de aula e avaliação formativa, e quadros de políticas e novas avaliações, apresenta 4 grandes agrupamentos. São eles:

Maneiras de pensar (criatividade e inovação, pensamento crítico, resolução de problemas, tomada de decisões, capacidade de aprender a aprender e metacognição), ferramentas para o trabalho (tecnologia da informação e alfabetização digital), formas de trabalhar (comunicação e colaboração) e maneiras de viver no mundo atual (cidadania, responsabilidade pela própria vida, desenvolvimento profissional, pessoal e social). InnoveEdu

De outro modo, a Porvir, iniciativa que busca mapear e difundir inovações pedagógicas, baseada em pesquisas realizadas pela *National Research Council*, divide as competências em três domínios: cognitivo, intrapessoal e interpessoal, bem representados na imagem a seguir:

Figura 1: Os três domínios das competências do século 21



Fonte: Gomes (2012)

Seja qual for a definição adotada com certeza abrange competências de desenvolvimento do indivíduo como um todo, não só aspectos cognitivos (e mesmos estes,

⁴ Disponível em: < <http://innoveedu.org/tendencias#competencias> > Acesso em: 12 de agosto de 2019

com uma visão ampliada, que busca desenvolver a autonomia, o pensamento crítico e a criatividade) mas também os aspectos socioemocionais.

Para que isso seja alcançado são necessárias mudanças. “Tudo está em discussão: currículo, práticas e materiais pedagógicos, organização de espaços, tempos, papéis e relações no ambiente escolar.” (PENIDO et al, 2016, p. 24)

Não existe um único modelo do que seja uma escola inovadora, tampouco práticas definidas e estabelecidas que uma escola precisa seguir para se categorizar assim, mas existem propostas que se destacam, coincidem e são semelhantes nessas escolas que visam uma educação para o século 21 e podem ser um bom norte para outras instituições que também pretendem se integrar a este mundo.

- Espaços:

Nas escolas inovadoras o ensino extrapola a sala de aula e acontece em variados espaços, todos os lugares são acolhedores e estimulam a aprendizagem. Praças, áreas verdes, informática, quadras... a própria comunidade é um espaço de muita interação e perfeita para a aprendizagem, até a própria “sala de aula” mudou, as carteiras são agrupadas, muitas vezes móveis, cada vez mais tecnológicas e menos propícias a aulas estritamente expositivas. (MORAN, 2017)

- Currículo:

Alguns dos princípios curriculares dessas propostas são a transdisciplinaridade, a experimentação, o protagonismo discente e a personalização (será melhor discutido posteriormente).

Justamente por querer atingir o desenvolvimento integral do aluno, esses currículos fogem da segregação por meio de disciplinas e investem na interação das áreas, para que o ensino se torne contextualizado, significativo, prático e experimental.

Fundamentado nisto, surgem os laboratórios de fabricação, os projetos, as resoluções de problemas, e outras estratégias e metodologias que levam ao desenvolvimento da autonomia do estudante e de produtos reais, conhecimento útil, que faz sentido para eles e para a sociedade, alcançando assim as competências exigidas e integrando a todos, mesmo aqueles alunos mais tímidos, ou que não se sentem estimulados em aulas tradicionais. É a chamada aprendizagem “mão na massa” (PENIDO et al, 2016).

Um dos tipos de currículo que favorece esses princípios é o currículo por projetos. Parte da identificação de um tema ou problema, por parte dos alunos e/ou professores, em seguida aprofundam-se na problemática ao ponto de, por meio de um processo criativo, responderem as inquietações iniciais, chegando a um produto final, que pode ser apresentado

de diversas formas como: “vídeos, peças de teatro, festivais de música, melhorias na própria escola, intervenções socioambientais e campanhas de mobilização comunitária, entre muitas outras possibilidades. (PENIDO et al, 2016, p.28)

Outros tipos de currículo que são similarmente utilizados são os que envolvem o ensino híbrido (currículo em rede, educação on-line), e os ciclos de formação, estes podem ser fortes aliados do ensino personalizado.

Associado aos currículos também são adotadas estratégias de ensinagem com vista no protagonismo discente, e desenvolvem a autonomia, trabalho em equipe, criatividade e criticidade entre outras competências já mencionadas. São exemplos destas os júris simulados, sala de aula invertida, tutoria em pares, mesa redonda, aprendizagem em espiral, casos de ensino, debate, circuito de aprendizagem, estação de trabalho e muitas outras.⁵

- Personalização:

Um modelo Taylorista padronizador não é suficiente para o século 21, é evidente que cada pessoa aprende de formas e ritmos diferentes, tem áreas de interesse distintas, e horários favoráveis próprios, cada um tem suas limitações e vanguardas. O que é padronizado a uma pessoa média, está condenado ao fracasso, pois não existem pessoas médias (PENIDO et al, 2016).

Para se chegar a isso, pode-se valer das tecnologias como aliadas. Por meio de plataformas digitais os alunos podem criar seu próprio currículo (juntamente com seus tutores e dentro das competências e habilidades necessárias), definir suas atividades, avançar, regredir. Pode também construir sua rotina, considerando seu tempo, atividades, preferências, limitações...

Uma das metodologias ativas predominante é a inversão da forma tradicional de ensinar, (depois que o aluno tem as competências básicas mínimas de ler, escrever, contar): o básico o aluno aprende sozinho, no seu ritmo e o mais avançado, com atividades em grupo e a supervisão de professores. As plataformas digitais ajudam neste processo de personalização, de acompanhamento de cada aluno. (MORAN, 2007, p.3)

Ao contrário do que pode se pensar, a educação personalizada não é individualista, compõe-se também de uma “construção coletiva do conhecimento, que emerge da troca entre pares, das atividades práticas dos alunos, de suas reflexões, de seus debates e questionamentos, em redes presenciais e online” (MORAN,2007, p. 3).

Outro mecanismo para este fim são os ciclos de formação, flexibilizam o tempo escolar para além de um tempo apenas cronológico e leva em conta as vivências curriculares e

⁵ Orientações disponíveis em:<[<http://www.adventista.edu.br/aped/orientacoes-para-o-trabalho-docente/orientacoes-pedagogicas-\(ops\) >](http://www.adventista.edu.br/aped/orientacoes-para-o-trabalho-docente/orientacoes-pedagogicas-(ops))

peçoais. Macedo (2007, p.115) enfatiza que as escolas “precisam começar a repensar o automatismo, a linearização e a rigidez com que pleiteiam os tempos humanos e o trabalho pedagógico com eles nas instituições de formação.” Para além da preocupação temporal, levam em conta aspectos biológicos e culturais, pode ser um currículo eclético com relação as realidades, conhecimentos, ritmos, estilos, idades e etc.

De acordo com Macedo (2007, p.117, 118) estes geralmente optam por “tempos de aprendizagem mais longos, flexíveis, articulados e orientados pelas características culturais dos alunos e seus contextos.” Porém não existe um modelo fixo, cada escola deve adaptar-se a sua realidade e objetivos espelhando-se em experiências exitosas.

Além disso, outras metodologias e estratégias são utilizadas, a fim de auxiliar na personalização, dentro deste processo o papel do professor também muda, ele se torna um mentor, tutor:

O apoio individual oferecido por um adulto de referência é outra das estratégias usadas para promoção do ensino personalizado. Normalmente, cada professor tem um número máximo de alunos que acompanha em diferentes níveis: rotina acadêmica, projeto de vida, dificuldades fora do âmbito escolar e articulação com família. Em alguns casos, o mentor (tutor ou orientador) também é aquele que ajuda o aluno a descobrir seus talentos e se conectar com pessoas de fora da escola que podem apoiá-lo no desenvolvimento dessas habilidades. (PORVIR⁶)

- Tecnologia:

As escolas não precisam competir com as tecnologias, as devem ter como aliadas, até porque é eminente das novas gerações, e pode ser uma ferramenta chave para um ensino inovador, flexível e adaptável.

Várias metodologias ativas, no sentido de ter como foco o protagonismo discente, integram-se as *high-tech*. É o caso da sala de aula invertida, em que os alunos têm acesso ao conteúdo com antecedência por meio de diferentes plataformas digitais, e o tempo em sala de aula é para tirar dúvidas.

Em algumas escolas inovadoras, juntos, alunos e professores têm acesso a ambientes virtuais de aprendizagem que os possibilitam organizar o trajeto educacional, escolhendo entre diferentes objetos digitais, tais como videoaulas, jogos, textos, infográficos, exercícios, desafios e até mesmo avaliações. A grande vantagem é que o aluno pode adaptar-se ao que é melhor para ele e avançar ou até retomar sem precisar esperar pelos demais. (PENIDO et al, 2016)

O fato é que ao aderir ao ensino híbrido, a escola, além de dar maior flexibilidade ao aluno, os preparam para a realidade global e digital deste século, ampliando a qualidade do

⁶ Disponível em: <<http://porvir.org/especiais/personalizacao/>> Acesso em: 07 de agosto de 2019

ensino e reduzindo “desigualdades na Educação, assegurando ainda o desenvolvimento de competências contemporâneas que os estudantes precisam adquirir para estar mais aptos a enfrentar desafios pessoais e profissionais em um mundo cada vez mais digital”(PENIDO et al, 2016, p.30).

- Ensino integral

A educação integral é um projeto educacional integrado, que se desenha a partir da vida do aluno e seus interesses em dimensões intelectuais, profissionais, afetivas e física. Como Penido et al (2016, p.66) bem ressalta “é muito importante que não se confunda Educação integral com escola de tempo integral.” A ideia de tempo integral pode ter um efeito completamente oposto da educação integral. Educação integral, não é passar mais tempo na escola, não é apenas ter um curso técnico no currículo, é desenvolver a totalidade do indivíduo em um ensino holístico, envolver a comunidade, pois a interação entre o espaço escolar e o não escolar são aliadas, tal qual diz Penido et al (2016, p.66) “Trata de uma visão de mundo que convoca todos os atores de um mesmo território a assumir sua intenção educativa em torno de um projeto comum.!” que pode envolver também a integração de mais tempo na escola, já que o estudante tem mais atividades a realizar, além das convencionais, algumas escolas adotam o uso de eletivas, tutoriais em diversas áreas como música, informática, teatro, cinematografia, entre outros, podem ainda oferecer cursos profissionalizantes, trabalhar com um projeto de vida... o importante é que atenda ao integral.

- Avaliação

Para se fazer educação é necessário mudar concepções sobre espaços de aprendizagens, sobre o perfil do egresso, sobre formas de construir conhecimento e também sobre as formas de avaliação. Outros modos para além dos testes de larga escala, provas bimestrais e de múltipla escolha são adotadas.

Podem ser avaliados por plataformas digitais em um tipo de game (com recompensas e bonificações). Apesar de ter seu lado negativo, a busca por recompensas extrínseca, esse tipo de avaliação favorece o monitoramento de ambas as partes (professor e aluno).

Outra excelente forma de avaliação é a por problemas e evidencias, a medida que os alunos escolhe caminhos para solucionar o problema evidencia as competências que desenvolveu ou as suas lacunas formativas (PENIDO et al, 2016).

É necessário investir na autorregulação e também na avaliação formativa, “investir em processos de avaliação formativa dentre mais de 800 possibilidades de transformação da escola, é o que traz maior impacto no desempenho dos alunos em avaliações de larga escala” (PENIDO et al, 2016, p. 91).

Para acompanhamento e registro dessas duas formas de avaliação, podem ser adotados rubricas, portfólios ou outros mecanismos que tenham o mesmo efeito.

Vale ressaltar que as ideias apresentadas aqui não são prontas e acabadas, não são completamente determinantes e sim norteadoras, é necessário pensar a partir da sua realidade.

ESTUDANTES COM DOENÇAS FALCIFORME

As DF são condições hereditárias prevalentes em pessoas negras ou afrodescendentes. É caracterizada por uma deformidade nos glóbulos vermelhos do sangue (hemácias) que dificultam a travessia nos pequenos vasos sanguíneos, “A obstrução dos pequenos vasos pelas células falciformes resulta em infartos repetidos, acometendo gradualmente todos os sistemas orgânicos, mais notadamente o baço, pulmões, rins e cérebro” (BRASIL, 2017 p. 198).

Os pacientes com DF apresentam sinais, como fadiga, tolerância reduzida aos esforços, icterícia, dores intensas e outros sintomas além das crises que são episódios agudos que podem ocorrer.

A vida das pessoas com DF é marcada por vários desafios, entre estes, destacamos aqueles que afetam diretamente suas vivências escolares, e que fragilizam seus processos formativos, levando a evasão na educação básica que, conforme Reis (2017), é explicada pelas dores e internações contínuas destes indivíduos.

Em um estudo realizado por Reis (2017), jovens estudantes com DF responderam a um formulário sobre os itinerários pedagógicos segundo suas perspectivas. A pesquisa apontou que “64,6% dos participantes se ausentaram com frequência e, na totalidade, afirmaram que as ausências obstaculizaram a permanência no espaço institucional.” (REIS, 2017). A seguir, é possível ver alguns relatos dos estudantes que responderam ao formulário sobre suas experiências no processo de afastamento e reinserção nos espaços escolares:

- a) Katja: – Tinha vezes que ficava cinco vezes internado durante o ano. Quando voltava, não entendia nada;
- b) Sagalô: – Sentia muitas dores. Às vezes ficava a semana inteira sem ir pra escola. Não conseguia acompanhar;
- c) Adisa: – Eu acho que nem me assusto mais quando fico sem poder ir pra escola porque estou doente. Por exemplo, praticamente todo ano eu fico internada. Já fiquei um pouco assustada quando atacou muitas crises, mas hoje fico com medo apenas de não conseguir voltar;
- d) Segbana: – Quando tinha crises ficava meses sem ir pra escola. Era muito difícil. Desistia e voltava o tempo todo;
- e) Atakora: – Me ausentava muito por causa das úlceras. Ficava internada por muito tempo. Quando voltava as pessoas olhavam estranho pra minha perna.

7

Além do absenteísmo apontado pelo estudo, um outro fator que contribui para a desmotivação dos estudantes com DF, é a ausência da patologia por parte dos que compõem o círculo escolar, sobretudo do professor, pois espera-se que o mesmo, como profissional deva

⁷ (REIS, 2017, p.96)

conhecer as especificidades dos seus alunos. No mesmo estudo, evidencia-se a partir das falas dos estudantes, o medo do preconceito, estigma e rotulação, revelados na omissão do diagnóstico aos professores e colegas.

a) Tanquetá: – Falo nada não. Ninguém entende e aí fica com medo e eu fico chateada. Prefiro ficar na minha;

b) Molea: – Olhe, no meu caso, evito falar da doença porque tenho muita vergonha. As pessoas me olham diferente quando sabem, se afastam, tem medo.⁸

A partir da análise feita com base no trabalho investigativo de Reis (2017), é perceptível que os principais desafios encontrados nos percursos formativos dos estudantes com DF, são: as ausências constantes (que resulta em um déficit nos conhecimentos escolares e notas) e a ausência dos membros do corpo escolar sobre a patologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção será finalmente discutido e analisado os resultados encontrados. Ou seja, será feito uma correspondência entre práticas inovadoras e os desafios já apontados nesse trabalho. Assim sendo, é possível alcançar o objetivo proposto.

O quadro a seguir, faz a relação entre esses dois pontos, entretanto antes disso, é necessário ressaltar que as práticas inovadoras não se limitam a atender as necessidades específicas dos estudantes com DF, os auxilia, e a todos os demais alunos, porque partem do princípio do protagonismo discente, ou seja, respeitam quem o aluno é.

Quadro 1: Dificuldades/ práticas

DIFICULDADES	PRÁTICAS	NOTAS
Perca de conteúdos devido as muitas faltas.	- Ensino híbrido; - Tutorias; - Ensino personalizado; - Metodologias ativas como grupos de estudo, tutoria em pares, sala de aula invertida, entre outros.	São práticas que flexibilizam o ensino para fora da sala de aula.
Perca ou dificuldade na recuperação de notas devido as recorrentes faltas.	- Currículo por competências; - Currículo por projetos; - Currículo por ciclos de formação; - Avaliação formativa; - Testes por plataformas digitais; - Portfólios de aprendizagem.	São possibilidades de avaliações que não determinam um tempo e lugar exato.
Falta de conhecimento sobre a patologia entre os membros da comunidade escolar.	- Currículo por projetos; - Metodologias ativas como rodas de conversa, grupos de estudo, fóruns, debates, entre outros.	Artifícios que possibilitam trabalhar o tema de forma transversal, porém real entre os alunos e demais agentes envolvidos na educação, informando-os e conscientizando-os.

Fonte: autoria nossa

⁸ (REIS, 2017, p.133)

Para além dessas, outras medidas podem e devem ser adotadas, como a formação continuada entre esses professores para que possam lidar melhor com seus alunos e dominar essas práticas. Além disso as questões socioemocionais, tanto destacadas nas competências do século 21, são fundamentais para motivar esses alunos e evitar a evasão.

Outras dificuldades, talvez não tão marcantes também podem ser contempladas por essas práticas, por exemplo as salas muitas vezes podem ser desconfortáveis, muito frias gerando dor, a proposta de outros espaços que o não o da sala sana essa dificuldade.

ÚLTIMOS FIOS DESSA DISCUSSÃO

Em fios conclusivos, constata-se as práticas como ensino híbrido, currículo personalizado e fóruns de discussão como possíveis formas de amenizar a problemática das ausência dos alunos na escola e desconhecimento sobre a doença.

Parafrazeando Guimarães Rosa, a educação é um rasgar-se e remendar-se, mas de tantos remendos o tecido já se desgastou, não aquece mais como deveria, não cobre mais como antes cobria, por isso se faz emergente tecer uma nova trama, com fios de inclusão, diversidade, respeito e acolhimento.

Durante essa tessitura percebeu-se a possibilidade de ampliar essa trama urdindo fios de pesquisa-ação sobre o tema, tornando-o ainda mais efetivo; ampliação da população para as demais doenças crônicas, além da Falciforme; fios de estratégias de inclusão específicas para as aulas de educação física, que também são um verdadeiro desafio, já que esses alunos muitas vezes são impossibilitados de participar das mesmas por ocasião do desgaste físico. Assim, essa trama ficará ainda maior.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada. **Manual de Eventos Agudos em Doença Falciforme**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Patrícia. **Conhecendo as competências para o século 21**. 2012. Disponível em:<<http://porvir.org/conheca-competencias-para-seculo-21/>> Acesso em: 12 de agosto de 2019.

REIS, Daniela Santana. **Professores de jovens com doenças falciformes: contornos, nuances e imagens de viagem.** 2017. Tese (Doutorado em educação e contemporaneidade) Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/85943775-Professores-de-jovens-com-doencas-falciformes-contornos-nuances-e-imagens-de-viagem.html>.> Acesso em 14 de agosto de 2019.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa.** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MORAN, José. **Principais diferenciais das escolas mais inovadoras.** A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Campinas, SP, 2007. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/diferenciais.pdf>.> Acesso em: 10 de agosto de 2019.

PENIDO, Anna *et al.* **Destino: educação- escolas inovadoras.** São Paulo: Santillana, 2016. Disponível em: <<https://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jspfileId=8A808A82569F88700156B8B25D765ED7>.> Acesso 01 de agosto de 2019

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa.** 10. ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2013.